O segredo da intimidade

Louis LAVELLE

[De: *L'Erreur de Narcisse* (1939), Paris, La Table Ronde, 2003, pp. 54-57. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.]

1. Conhece-te a ti mesmo

Narciso busca nele próprio o segredo do mundo, e é por isso que fracassa em enxergar-se. Esse segredo divino lhe é mais íntimo do que ele mesmo: é a intimidade do Ser puro. Dele não há imagem. Ele não habita essa fonte que se reflete no olhar de Narciso e que retorna ao seu mistério uma vez abolido esse olhar. Ele não se mostra senão a um olhar puramente espiritual, para além de todas as imagens e de todos os espelhos.

Tudo aquilo que no mundo posso imaginar de mais nobre e de mais belo, tudo o que mostra para mim a marca do valor, e que posso amar, é isso que é a minha intimidade mais profunda; e, fugindo dela sob o pretexto de que sou incapaz ou indigno dela, é de mim mesmo que fujo. As coisas mais superficiais e as mais baixas, que me atraem ou que me retêm, não são senão uma distração que me afasta de mim, não propriamente porque não posso suportar o espetáculo daquilo que sou, mas porque não tenho a coragem de exercer as forças de que disponho, nem de responder às exigências que encontro em mim.

Não podemos descobrir que nosso ser reside nessa intimidade secreta onde ninguém penetra senão nós mesmos, sem apelar à introspecção para conhecê-la. Mas o eu não é senão uma possibilidade que se realiza; ele não está jamais feito; ele não cessa de fazer-se. É por isso que há duas introspecções: uma, que é a pior das coisas, e que me mostra em mim todos aqueles estados momentâneos em que não cesso de me comprazer; a outra, que é a melhor, e que me torna atento a uma atividade que me pertence, a potências que eu desperto e que depende de mim colocar em ação, a valores que busco reconhecer a fim de lhes dar um corpo.

Pois a consciência não é uma luz que aclara, sem mudá-la, uma realidade preexistente, mas uma atividade que se interroga sobre sua decisão e que tem entre suas mãos meu próprio destino. “Conhece-te a ti mesmo”, disse Sócrates, como se já estivesse aconselhando a Narciso. Mas Sócrates bem sabia que aquele que se conhece não cessa de se aprofundar e de se ultrapassar. Se os antigos dizem “conhece-te” e os cristãos “esquece-te”, é que eles não falam do mesmo eu: e não se pode conhecer um deles senão com a condição de esquecer o outro.

2. A intimidade consigo e com os outros

A intimidade é o interior que escapa a todos os olhares, mas é também o fundo último do real, para além do qual não se pode ir, e que não se atinge, sem dúvida, senão após ter atravessado todas as camadas superficiais de que, em turnos, o recobriram a vaidade, a facilidade ou o hábito. É o ponto mesmo onde as coisas tomam raiz, o lugar de todas as origens e de todos os nascimentos, a fonte e o foco, a intenção e o sentido.

A descoberta da intimidade é coisa difícil e, uma vez que a encontramos, ainda é preciso estabelecer-nos nela. Mas é nela, no entanto, que encontramos o princípio da nossa força e a cura de todos os nossos males. É porque a ignoram que tantos homens buscam a distração ou crêem poder reformar o mundo por fora. Mas aquele que soube penetrar na intimidade não aceita mais ser expulso dela: e, para ele, todos os prestígios da distração e da ação exterior se encontram abolidos.

A intimidade é realmente, como com freqüência se crê, o último reduto da solidão. Mas basta que ela se nos revele, para que a solidão cesse. Ela revela-nos um mundo que está em nós, mas no qual todos os seres podem ser recebidos. Pode no entanto nascer a suspeita de que estamos ainda sozinhos e de que este mundo não passa de uma ilha de sonho. Mas, que um outro ser entre aí de repente conosco, e esse sonho se realiza, e essa ilha é o continente: então produz-se a emoção mais aguda que possamos sentir. Ela revela-nos que o nosso mundo mais secreto, que pensávamos ser tão frágil, é um mundo comum a todos, o único que não é uma aparência, mas um absoluto presente em nós, aberto diante de nós, e no qual somos chamados a viver.

A intimidade é portanto individual e universal ao mesmo tempo. A intimidade que creio ter comigo mesmo não se revela senão na intimidade da minha própria comunicação com um outro. E toda intimidade é recíproca. O uso mesmo da palavra confirma-o. Permanecerei separado de mim mesmo enquanto não puder entregar o que sou e, entregando-o, descobri-lo.

Aquele que entrega sua intimidade não fala mais de si, mas de um universo espiritual que ele traz em si e que é o mesmo para todos. Ele não penetra aí senão com uma espécie de tremor. As almas mais comuns não atravessam o portal desse universo. As mais baixas fogem dele e buscam aviltá-lo: é que o ser verdadeiro está lá, e não em outra parte; mas elas não sentem por ele senão desprezo e ódio.